



## REFLETINDO A IDENTIDADE DISCENTE A PARTIR DO OFÍCIO DO PROFESSOR E A ARTE DE ENSINAR

Maiza Ribeiro de Sousa<sup>1</sup>  
(izamataraso@hotmail.com)

Rosilene Alves de Melo<sup>2</sup>  
(rosileneamelo@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho é resultado da experiência enquanto bolsista voluntária do programa de monitoria Interdisciplinaridade, por uma Iniciação à Docência no Ensino Superior da Universidade Federal de Campina Grande (UFPG), *campus* Cajazeiras-PB. A proposta desse artigo versa sobre a discussão da formação do discente e da importância do papel do monitor (a), visto que a monitoria é o lugar de construção de conhecimento, que possibilita a aproximação com o ofício de ser professor, seja da arte de ensinar ou de reuniões de como planejar e avaliar, onde podemos refletir de que maneira os sujeitos envolvidos nesse processo podem construir identidades diante a prática pedagógica. O trabalho emprega como aporte teórico as discursões acerca do conceito de identidade, pois a mesma está imersa em todo o processo de vivências em sala de aula. Então, dentro desse processo, é importante deixar claro como o currículo torna-se elemento de grande importância na prática docente, porque ele deve fazer sentido para os sujeitos envolvidos em todo o processo histórico, já que a sala de aula é um ambiente heterogêneo, em que os alunos estão finalizando uma etapa da grade curricular de sua pesquisa, para dar prosseguimento ao objetivo final, ou seja, a escrita da história. Nesse sentido, entendo que a universidade é um lugar no qual atuam diferentes grupos e ser bolsista da disciplina de projeto de pesquisa IV possibilita entender essa gama de sensações que são apreendidas por entre as subjetividades dos vários sujeitos atuantes do contexto acadêmico.

**Palavras-Chave:** Formação discente. Identidade. Monitoria.

### Introdução

Desde criança carregamos conosco a imagem de um professor que nos marcou, muitas vezes, de forma positiva ou negativa. Quando essa imagem é representada de forma positiva, será conferido a esse docente, o papel de herói, ou seja, será sempre aquele

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras.

<sup>2</sup> Professor Doutor na Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras



profissional lembrado com sentimento de carinho, e também exemplo a ser seguido, seja na vida escolar ou acadêmica. Do contrário, essa imagem negativa fruto das más práticas pedagógicas acarretará no aluno e no futuro profissional da educação, problemas em desenvolver e passar boas práticas pedagógicas.

O modo como os professores desenvolvem suas práticas pedagógicas nos acompanham ao longo de todo o processo educacional, o que implica dizer, que de alguma forma essas práticas deixam marcas em nossas vidas. Assim, para um bom desempenho pedagógico e boa fixação do processo de ensino e aprendizagem, é preciso compreender a importância e o incentivo dos programas educacionais como, por exemplo, o de monitoria, que possibilita para nós alunos a participação de forma ativa nas atividades junto ao professor, possibilitando-nos uma formação docente de qualitativa e muito significativa.

Assim, partindo do princípio de que o projeto de monitoria e Interdisciplinaridade, por uma Iniciação à Docência no Ensino Superior, tem por objetivo nortear o desenvolvimento das atividades de monitoria no âmbito da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP/UFCEG), (SALES NETO, 2015 p. 4). Compreendemos que esse projeto permite uma valorização da identidade discente, possibilitando uma aproximação com o ambiente da sala de aula e, sobretudo, do ponto de vista da prática do ofício do professor, como da arte de ensinar, permitindo assim, um melhor desempenho acadêmico do aluno.

Conforme o texto “possíveis contribuições das atividades de monitoria na formação dos estudantes monitores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE” podemos ter uma noção de como foi significativa a experiência de ser monitor, uma vez que os autores embasados nessas vivências discutem que a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional –LDB (Lei Nº 9.394/96) apoia os programas de monitoria na formação do ensino superior, pois conforme visto no texto, “os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas do ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudo” (op.cit).

Assim, a monitoria possibilita ao estudante de graduação a oportunidade de acompanhar de perto como se desenvolve uma aula, a partir de planejamentos, discussões e



avaliações, tudo isso acompanhado de perto pela figura do professor. Nesse sentido, Sales Neto destaca:

O uso da monitoria em nível superior não é novidade na Universidade brasileira. Pelo menos desde finais dos anos de 1960, já estava oficialmente intuída a atuação do discente junto ao trabalho docente nas salas de aula dos cursos de graduação no país. (SALES NETO, 2016, p. 1)

Dessa forma, o incentivo a programas que vislumbrarão o estímulo a prática docente, assim como o programa de monitoria esta em desenvolvimento como visto desde 1960, pois a atuação do discente na sala de aula juntamente com o professor, não como um mero ajudante, esta ganhando destaque, uma vez que, o programa de monitoria possibilita ao monitor fugir da simplória figura onde o monitor é apenas um auxiliar, mas possibilita ao mesmo desenvolver suas habilidades pedagógicas, permitindo uma identificação com a prática docente.

A monitoria se desenvolve na disciplina de projeto de pesquisa IV, na turma do sexto período, no turno da manhã, na Universidade Federal de Campina Grande, do centro de Formação de Professores- Campus Cajazeiras. A turma é pequena, comporta quinze alunos, destes, têm alunos regulares no curso e outros que estão repetindo a disciplina. Os mesmos desenvolvem pesquisas das mais variadas, estas que se voltam às discussões de gênero, educação, cultura, entre outros.

As atividades desenvolvidas na monitoria têm como objetivo trabalhar junto ao professor, desenvolvendo reuniões de planejamento, auxiliar as aulas, suporte aos alunos, percepções de como avaliar, onde junto ao docente procuramos resolver os problemas apontados pelos alunos, principalmente no que compete a pesquisa.

Portanto, um dos objetivos do projeto de monitoria da (UACS) é justamente a participação do monitor junto ao professor, desenvolvendo atividades de ensino e pesquisa, como também na organização e seleção do material didático, podendo assim, despertar o protagonismo dos discentes nas atividades de ensino e aprendizagem (SALES NETO, 2016, p. 3).

Desse modo, a monitoria possibilita construir uma identidade discente e, por conseguinte, servirá de reflexo para a identidade docente, onde nos faz fugir de discursos negativistas, que vertem justamente ao campo da educação, assim, como o ensino de história. Assim, enquanto monitorea voluntaria na disciplina de projeto IV, vejo com maior



clareza o ensino de história e sua contribuição de forma significativa para minha formação discente.

## **Refletindo Sobre a Formação do Discente a partir da Experiência de ser Monitor da Disciplina de Projeto IV**

Acredito que em algum momento de nossas vidas todos já escutaram a celebre pergunta, “o que você quer ser quando crescer?” A resposta são as mais variadas possíveis, como médico, advogado, engenheiro, menos ser professor.

Não é novidade que os cursos de licenciatura são na maioria das vezes os menos procurados, pois licenciatura não é algo que possibilita status, onde o ofício do professor cai, muitas vezes, no desprestígio. Frequentemente, alega-se que a profissão é pouca remunerada, ou ainda que é muito trabalho e o ensino de história é algo chato.

Então, aqueles que são professores, ou que estão entrando nessa carreira, já estão marcados por este tipo de discurso negativo e, frequentemente, esses profissionais só recorreram ou recorreram à docência, pela escassez de trabalhos em outras áreas no município em que reside.

De acordo com Alda Juqueira Marin “A docência é uma profissão de segundas ou terceiras (ou quartas) razões [...]” (MARIN, 2003, p.61). Esse comentário reflete justamente nos alunos do curso de história da UFCG - Campus Cajazeiras, muitos alunos entram no curso de história, já que sua primeira tentativa no ENEM não conseguiu atingir os pontos necessários para entrar no curso de direito, e tem como opção o curso de história, tentando assim uma transferência.

Assim, a turma de projeto IV se encaixa muito bem nesse perfil, pois com esses alunos vivencio minha terceira experiência enquanto monitora. Em 2013.1 fui monitora quando os mesmo ingressaram no curso de história, eram cinquenta alunos que aos poucos foram se evadindo do curso.

Em 2013.2 a turma já se mostrava reduzida, pois alguns já tinham se transferido e outros estavam insatisfeitos com o curso. Contudo, como monitora de projeto IV a turma está ainda mais reduzida, pois a mesma só comporta dez alunos regularmente



matriculados, sendo que uns transferiram para direito, arquitetura, enfermagem e filosofia, outros fizeram reopção de turno e a maioria optou por trabalhar, não conseguindo conciliar estudo e trabalho. Dessa forma, todos os discentes são de outras cidades e poucos estão engajados em projetos dentro da Universidade.

Logo esse tipo de incidente vem acontecendo porque os alunos ingressantes estão chegando às universidades com uma carga pesada sobre a educação e, principalmente, dos cursos de licenciatura e isso reflete na motivação de querer se envolver mais com o curso e a universidade.

Nesse sentido, essa realidade é percebida, pois como pontua Durval Muniz, “o papel do professor na sociedade pós-moderna, se ainda terá algum, está sendo irremediavelmente modificado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 11). Percebe-se que há uma perda de identidade, de muitas vezes o professor não ousar em suas aulas e deixá-las mecanizadas, sem brilho e vontade de fazer algo criativo e os alunos principais sujeitos desse processo abarcam todo esse negativismo, tomando para si como muita das vezes a única possibilidade de dar aulas, já que em suma maioria, é essa realidade que encontramos nos estágios.

Assim, tanto o programa de monitoria, quanto o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) possibilitam justamente estreitar os laços frente ao ensino e aprendizagem, onde a lógica se verte na participação maior dos alunos de graduação ao contato direto com a dinâmica do docente em sala de aula.

O professor Durval Muniz (2010) em seu texto por um ensino que deforme, discute os pontos do ensino e educação nas escolas, como também nas Universidades, pois o mesmo ressalta que, o professor tem que se atualizar, já que, na maioria das vezes, as Universidades não preparam de fato o aluno para a sala de aula. Assim, de acordo com autor, podemos compreender que:

[...] nossos cursos de licenciatura podem ser chamados de fábricas de celacantos, porque formam professores já completamente obsoletos, professores para uma sociedade que não existe mais, para uma escola que só os admite porque é mais atrasada do que eles próprios [...] (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 11).

Mediante essa reflexão, podemos pensar sobre os programas que as Universidades mantêm de incentivo à educação e experiência docente. Assim, um dos



programas que promove este incentivo e permite um novo olhar sobre a educação é o PIBID, o mesmo atua na rede básica de ensino, possibilitando um contato mais próximo do aluno de graduação com a escola, onde a docência compartilhada permite ao graduando um melhor aprendizado de como se portar em sala de aula. Desse modo Maiza Ribeiro e Risoneide Sousa ressaltam que “o PIBID mantém uma ligação mais próxima com a escola e as situações que passam despercebidas durante o estágio supervisionado, pois em sua maioria é o primeiro contato dos graduandos com esse espaço” , (ARAÚJO e SOUSA, 2015, p.7).

Assim o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), promove ao aluno de graduação um contato mais próximo com a escola e o ensino fundamental e médio, onde possibilita ao estudante um conhecimento significativo da sala de aula, assim como de todo o espaço escolar, uma vez que o PIBID, atua justamente com a docência compartilhada, permitindo uma maior ampliação do bolsista com as práticas pedagógicas que são desenvolvidas na sala de aula, como também permite um melhor desenvolvimento de sua formação discente.

Contudo, a monitoria consente um contato com o ensino superior, onde as angustias desse público são outras, a relação do professor com aluno assume outra postura, pois se trata muitas vezes de um público alvo maduro, que está dando os primeiros passos para a pesquisa, assim como, a construção e desenvolvimento da escrita. Dentro dessa contextualização, devemos entender que a monitoria, como o PIBID e outros programas de incentivo aos alunos mediante a prática docente, permite com que nós graduandos possamos repensar nossas posturas de que profissionais queremos ser, qual modelo de professor do passado ou da graduação nos apoiamos para construir nossa identidade.

Assim, a identidade é algo que se forma ao longo do tempo e de acordo com Hall (2006) devemos fugir desse modelo que mostra a identidade como sendo algo imutável, pois esse modelo de identidade está mudando, uma vez que, a identidade é algo que se forja com o tempo, não é algo que “costura”, ela a todo tempo esta modificando o sujeito, inserindo-o dentro do seu espaço, pois segundo Stuart Hall “[...] A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação as forma pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos



rodeiam [...]” (HALL,2006,p.12/13). Então, esse sujeito pós- moderno apontado por Stuart Hall tem sua identidade sempre em transformação, pois ela é algo mutável, a mediada que as paisagens ao nosso redor se modificado, nós “sujeitos de desejos” acompanhamos esse ritmo, pois a identidade não é fixa, uma vez que, a mesma não é algo unificado, pois segundo o autor isso é” uma fantasia” a identidade se pauta mediante vivências, onde está sempre em processo de construção.

Portanto, a experiência de participar do programa de monitoria, juntamente à disciplina de Projeto IV, permite uma reflexão dessa identidade discente a qual estou formando, pois é algo que me acompanhará por todo o meu processo, seja ele enquanto estudante, ou professora, uma vez que a mesma estará sempre em processo de construção. Nesse sentido, Maria Vorrabe Costa chama atenção para discussões que versam sobre o caráter cultural do processo de constituição das identidades, apoiada nos estudos de Stuart Hall, podemos entender que :

[...] Segundo ele, contribui para a formação das nossas identidades não apenas o que dizemos ou pensamos que somos, mas os diversos discursos sobre nós que, além de nos “representar”, nos intimam a ser da forma como dizem que somos. As identidades resultariam de sedimentações das diferentes identificações ou posicionamentos que adotamos e procuramos “vivenciar” como se vissem de” dentro”, mas que são, sem duvida, ocasionados por uma mistura especial de circunstâncias, sedimentos e histórias, etc (HALL, (2006) *apud* COSTA, [s.a.], p. 4).

Refletindo a formação discente mediante este processo identitário, entendo que a arte de ensinar, assim como o ofício do professor é tarefa complicada e delicada, pois o ambiente da sala de aula abarca um publico heterogêneo, são “sujeitos de desejos” que estão buscando desenvolver sua pesquisa acadêmica, para assim construir a escrita da história, muitas vezes esta será construída pelo mero prazer de pesquisar e mostrar sua contribuição para com a historiografia, ou apenas será escrita com o anseio de dar adeus à universidade e tirar pelo menos um sete frente à banca.

A sala de aula é o lugar onde o professor se desdobra para atender as necessidades dos alunos. Ensinar é uma arte no sentido que o docente tem sempre que está se (re) inventando, procurando novas possibilidades que possam possibilitar uma aula dinâmica, onde tenha a participação dos alunos, onde professor e aluno saiam sempre com um gosto de querer mais, de poder se desafiar sempre, pois o professor deve ser alegre, simpático, deve saber repassar seu conhecimento para que os alunos possam sentir-se



integrados a sua aula. Por isso, é importante conhecer o público com o qual se está lidando, planejar para que a aula se torne mais significativa, assim como o currículo, onde este possa fazer sentido para o educando. Assim sendo, Sandra Mara Corazza afirma que é importante planejar, pois;

Planejar, porque o plano de ensino também constitui a textualidade de uma forma contra-hegemônica de pedagogia, por meio da qual selecionamos e organizamos objetos de estudo, experiências, linguagens, práticas, vozes, narrativas, relações sociais, identidades (CORAZZA, [s.a.] p. 123).

Diante do exposto, percebe-se a importância de fazer um planejamento, pois é a partir do mesmo que as aulas terão um sentido para qual público se vai ensinar, “como ensinar? E o que ensinar?” Então, o ensino de história, como o ofício do professor e a arte de ensinar, são elementos que constituem a prática pedagógica e que possibilitam um novo olhar frente aos agentes que colocam o ofício do historiador como algo cada vez mais depreciativo. Logo, a monitoria permite perceber novas formas de pensar e sentir o ensino de história, possibilita assim a formação discente a partir de perspectiva do ensino e da pesquisa.

## Considerações

À guisa de conclusão, a monitoria possibilita uma nova forma de ver e analisar o ensino de História, entender as várias situações que se desenrolam dentro do ambiente da sala de aula, pois os alunos que participam do programa de monitoria, assim como o PIBID, desenvolvem uma determinada experiência de como funciona a dinâmica de uma aula, como também passam a conhecer suas limitações, capacidades e incapacidades frente à arte de ensinar. Assim, ensinar não se configura como uma simples tarefa, pois estamos em contato com vários sujeitos, onde o professor deve saber que posturas adotar em sala de aula, estas vão desde as mais sérias, as mais criativas, como a de ter um jogo de cintura para assim poder desenvolver uma boa aula.

Ser professor é ter antes de tudo vontade, é gostar do que faz e não fazer de qualquer forma, pois estamos diante de vários sonhos, principalmente, no que compete ao campo da pesquisa e ampliação da mesma. No entanto, a identidade não é algo pronto, acabado, mas que está sempre em processo de desenvolvimento. A vocês professores do



CFP, e aos que me ensinaram a entender melhor como acontece à dinâmica de uma aula, tendo um novo olhar para a pesquisa e ensino, onde tudo isso foi me proporcionado através de monitorias, PIBID e extensão, pois vocês conseguiram ladrilhar junto comigo o caminho que me mostrou o verdadeiro amor pela profissão. Assim, se pudesse voltar no tempo e responder a celebre frase, “O que você quer ser quando crescer?” .Eu só teria um resposta, “Quero ser professora de história”.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval **Muniz. Por um ensino que deforme:** o docente pós-moderno. Disponível em: <[http:// www.cnslpb.com./arquivos/MATPROF.pdf](http://www.cnslpb.com./arquivos/MATPROF.pdf)>. Acesso em: 13 de Abr de 2016.

ARAÚJO, Risoneide Silva, SOUSA, M. R. **Docência compartilhada: Refletindo a formação docente enquanto bolsista do PIBID.** Artigo apresentado no Seminário Nacional de História e Contemporaneidades na Universidade Regional do Cariri (URCA), 2015.

COSTA, Marisa Vorraber. **O magistério na política cultural.** 1. ed. Canoas (RS): Editora da ULBRA, 2006. v. 1. 264p

CORAZZA, Sandra M. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: Antonio Flávio Moreira Barbosa. (Org.). **Currículo: questões atuais.** 18ªed.Campinas: Papirus, 2011, v. 1, p. 103-143.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MARIN, Alda Junqueira. **Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade.** Goiânia, 2002.

NASCIMENTO, SILVA; SOUZA. **Possíveis contribuições das atividades de monitoria na formação dos estudantes-monitores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.** Disponível em: [https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2010.1/possiveis%20contribuies%20das%20atividades%20de%20monitoria%20na%20forma.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2010.1/possiveis%20contribuies%20das%20atividades%20de%20monitoria%20na%20forma.pdf). Acesso em Março de 2016.

SALES NETO, Francisco Firmino. Projeto de monitoria: **Monitoria e interdisciplinaridade, por uma iniciação á docência no ensino superior.** Cajazeiras: